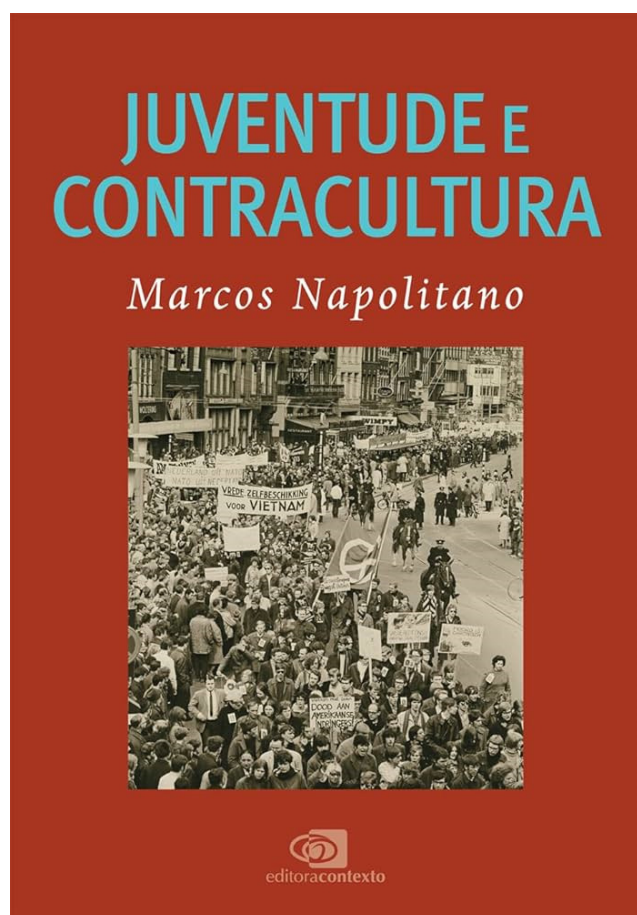


Uma juventude global, múltipla e plural: *nos tempos da contracultura*



Gabriel Amato

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSuldeminas- campus Três Corações). Autor, entre outros livros, de *Aula prática de Brasil no Projeto Rondon: estudantes, ditadura e nacionalismo*. São Paulo: Alameda, 2019. gabriel.amato@ifsuldeminas.edu.br

Uma juventude global, múltipla e plural: nos tempos da contracultura

A global, diverse, and plural youth: in the age of counterculture

Gabriel Amato

NAPOLITANO. Marcos. *Juventude e contracultura*. São Paulo: Contexto, 2023, 176 p.



“Não confie em ninguém com mais de trinta anos”. É possível que o(a) leitor(a) já tenha ouvido ou lido essa frase, com tons de sentença, em algum lugar. Mas, talvez, os caminhos percorridos no tempo e no espaço por essa afirmação não lhe sejam assim tão familiares. No Brasil, ela foi popularizada pela música popular. A canção “Com mais de 30”, composta pelos irmãos Marcos Valle e Paulo Sergio Valle, foi gravada pela cantora Cláudia – ironicamente, quando ela mesma havia acabado de completar 30 anos – em 1971. Mas a afirmação foi inicialmente dita em inglês: “Don’t trust anyone over 30”, em algumas versões; “Never trust anybody over 30”, em outras. Ao longo do tempo, sua autoria foi atribuída a personalidades distintas, todas associadas à década de 1960, a uma certa imagem de rebeldia juvenil progressista e à valorização da condição jovem como um valor (fosse moral, político, social ou estético) por si só. Do ativista político estadunidense Abbie Hoffman, um dos criadores da organização contracultural Youth International Party (YIP), à banda britânica The Beatles, muitos foram declarados como os seus eventuais autores.

Tudo indica, contudo, que a frase foi originalmente proferida pelo então estudante universitário Jack Weinberg, ativista do Congress of Racial Equality (Core) na Universidade de Berkeley, na Califórnia, e um dos fundadores do Free Speech Movement. Em uma entrevista concedida em 1964 ao jornal *San Francisco Chronicle*, Weinberg – como contou várias vezes, décadas mais tarde – havia se irritado com a postura do repórter que o entrevistava. Reproduzindo uma percepção comum ao imaginário anticomunista nos anos 1960 em diferentes partes do globo, o jornalista insistia que o ativismo estudantil nos EUA seria produto de uma manipulação estrangeira, dos soviéticos. Além de expressar uma sensibilidade própria à cultura da Guerra Fria – comum, aliás, também na imprensa brasileira da época –, essa insistência do jornalista colocava em jogo percepções sobre a condição juvenil. Afinal, ao acusar os jovens estadunidenses de serem “manipulados” pelos adultos soviéticos, o repórter questionava a autonomia da juventude em atuar como agente político. Impaciente, Weinberg teria declarado que os jovens não confiavam em “ninguém com mais de 30” e, por isso, agiam por sua conta, sem a hipotética manipulação exterior (fosse de adultos, fosse de soviéticos).

De qualquer forma, a frase do ativista estadunidense se tornou uma máxima associada ao processo de emergência da juventude como um sujeito a um só tempo político e artístico, num contexto em que os movimentos conectados à contracultura ganhavam o mundo. Suas expressões foram variadas e contraditórias, englobando desde os *beatniks* da década de 1950 ou o movimento hippie dos anos 1960 até a juventude politizada do Maio Francês, os tropicalistas no Brasil ou movimentos menos conhecidos de jovens negros. Complexas e contraditórias, essas manifestações da condição juvenil, fossem políticas ou artísticas, sinalizavam uma redefinição do ser jovem, ocorrida por volta das décadas de 1960-1970. Eis, justamente, o tema analisado pelo historiador Marcos Napolitano em *Juventude e contracultura*.

A circulação global da frase de Weinberg assinala, inclusive, uma característica fundamental da perspectiva interpretativa de Napolitano: a sua dimensão transnacional. Ou, como prefere o autor, a produção de uma “síntese plural, múltipla e global da contracultura e dos movimentos de contestação da juventude” (p. 169). Ainda que já reconhecido desde a época, esse caráter globalizado das expressões contraculturais das juventudes tem sido bem examinado em especial pela historiografia produzida desde os anos, particularmente a partir da efeméride do cinquentenário de 1968. Em diálogo com a chamada “história global”, a coletânea *The Routledge handbook of the global sixties: between protest and nation-building*, editada por Chen Jian, Martin Klimke, Masha Kirasirova, Mary Nolan e Marilyn Young¹, e a reflexão da socióloga argentina Elizabeth Jelin em favor da análise de 1968, tomando como referência básica o Sul global², são marcos importantes dessa abordagem historiográfica. Em *Juventude e contracultura*, o estabelecimento das conexões globais é algumas vezes deixado a cargo do(a) leitor(a) – uma decorrência, talvez, da organização dos capítulos do livro, que, em sua maior parte, são delimitados por critérios geográficos tradicionais (seja os EUA, a “Velha Europa” ou o Brasil). Mas, mesmo assim, Napolitano fornece pistas relevantes para que se pense numa juventude contracultural em escala transnacional.

A narrativa de Marcos Napolitano reitera, em grande medida, a interpretação historiográfica hegemônica sobre essa emergência da juventude como uma categoria – inicialmente, social; posteriormente, política – dotada de especificidades no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. Em um primeiro momento, especialmente na década de 1950, o ser jovem era vinculado à rebeldia diante das expectativas morais, ao comportamento tido como “desviante”, ao prazer, ao descompromisso ou ao inconformismo em relação aos padrões comportamentais normativos. O autor aponta, também, como esse modo de vivenciar a condição juvenil produziu um “pânico moral” em pais, professores e autoridades, processo alimentado, sob muitos aspectos, pela maneira como a imprensa comercial pautava a novidade representada por sociabilidades juvenis específicas. Essa situação era observada sobretudo nos

¹ IAN, Chen, KLIMKE, Martin, KIRASIROVA, Masha, NOLAN, Mary, YOUNG, Marilyn e WALEY-COHEN, Joanna (eds.). *The Routledge handbook of the global sixties: between protest and nation-building*. New York: Routledge, 2018.

² Ver JELIN, Elizabeth. El 68 desde el sur: historia y memorias en América Latina. In: CATELA, Ludmila da Silva, CERRUTTI, Marcela e PEREYRA, Sebastián (comps.) *Elizabeth Jelin. Las tramas del tiempo: familia, género, memorias, derechos y movimientos sociales*. Buenos Aires: Clacso, 2020.

debates sobre gangues juvenis ou rachas de automóveis, em realidades nacionais tão diversas como a dos Estados Unidos e a do Brasil. Como especialista na história social da cultura, Marcos Napolitano analisa esse processo recorrendo a estudos de casos do campo artístico. Nesse sentido, fenômenos que sobrepõem juventude e contracultura são sublinhados para sustentar o argumento do autor. Na área da música, o(a) leitor(a) é remetido(a) a gêneros musicais como o *rock 'n' roll* e movimentos como a Jovem Guarda; na literatura, ao livro *O apanhador no campo de centeio*, publicado por J. D. Salinger em 1951, ou à chamada “geração *beatnik*”; na filosofia, ao existencialismo dos franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir; e, no cinema, a filmes como *Rebel without a cause*, que ao ser lançado em 1955 consagrou a figura de James Dean como espécie de síntese dessa condição juvenil e cujo título no Brasil foi significativamente traduzido como *Juventude transviada*.

Em um segundo momento, Marcos Napolitano se detém no processo de aparecimento propriamente político da juventude na cena pública durante a década de 1960. Em sua perspectiva, portanto, trata-se de uma metamorfose da condição juvenil, de categoria social tida como “desviante” na direção de um protagonismo político. Em sua argumentação, a luta contra a segregação racial e em favor dos direitos civis das pessoas negras nos Estados Unidos e os protestos contra a intervenção militar na Guerra do Vietnã no mesmo país aparecem como marcos decisivos desse processo. Foi a partir desses movimentos que organizações estudantis como a Students for a Democratic Society (SDS) se articularam e se radicalizaram. Além disso, o autor demonstra a abrangência e diversidade da ação política de jovens estudantes universitários, que respondiam a particularidades geográficas. No Brasil, a luta contra a desigualdade de acesso ao ensino superior eclodiu em meio às especificidades de uma ditadura militar imposta com o golpe de 1964. Na Alemanha e na Itália, as ações políticas da juventude se deram sob o embalo de um conflito intergeracional em que os jovens buscavam denunciar a persistência dos laços dos mais velhos – denominados, por setores da juventude alemã, de “geração Auschwitz” – com o nazifascismo no pós-guerra. Na Tchecoslováquia, governada por um regime de partido único de modelo soviético, os jovens lutavam pela ampliação das liberdades civis. E encontraram na “Segunda Cultura” (forma como expressões musicais ou literárias da contracultura eram denominadas no país do leste europeu) uma alternativa para canalizar suas demandas políticas após a repressão das tropas do Pacto de Varsóvia.

Contudo, se a análise de Napolitano parte dessa narrativa historiográfica já consagrada, em que a condição juvenil se move de uma categoria social para uma política, ele não se resume a ela. *Juventude e contracultura* dá um passo adiante ao reavaliar esses momentos-chave da história dos jovens pondo em evidência questões de gênero, classe e raça – temas candentes para o tempo presente e que foram inicialmente propostos na arena pública por alguns segmentos juvenis dos anos 1960 e 70, principalmente aqueles ligados aos movimentos negro e feminista. Isso porque, além de global, a juventude e a contracultura apresentadas por Napolitano em sua reflexão são, afinal, múltiplas e plurais. Seria melhor, como ele sugere (em concordância com vários historiadores e sociólogos dos jovens), falar em juventudes e não em juventude. Há algumas passagens centrais do livro em que esse movimento interpretativo fica evidente, como, por exemplo, no capítulo intitulado “Outras cores da con-



tracultura”. Nele, Napolitano questiona a própria imagem que temos da juventude contracultural, ao afirmar que “a história da contracultura também inclui outras imagens, rostos e lugares” (p. 133).

Um contraponto interessante à imagem canônica sobre a contracultura seria o Festival Cultural do Harlem, realizado no bairro homônimo, em New York, durante o verão de 1969, mesmo momento em que acontecia o consagrado Festival de Woodstock. Sua invisibilização pela historiografia, segundo o autor, evidencia a estreita associação da juventude dos anos 1960 com jovens brancos, louros e de classe média, se considerarmos que o festival do Harlem foi protagonizado por uma juventude negra e periférica. Outros contrapontos oferecidos pelo historiador se apoiam em uma racialização do olhar historiográfico para a juventude contracultural, por exemplo com a análise da atuação de Tony Tornado, no Brasil, ou do movimento rastafari, entre a Jamaica e a Inglaterra. Na esteira disso, um dos casos mais significativos desse esforço de pluralização racial das juventudes envolve a repressão às manifestações estudantis do Maio Francês. É lembrado um evento ocorrido poucos anos antes, em 1961, quando a polícia promoveu um massacre de jovens negros, muitos deles imigrantes provenientes do continente africano ou seus descendentes, durante um ato em defesa da independência da Argélia. Como argumenta Marcos Napolitano, “o tratamento dado aos jovens franceses pela polícia [em 1968] era até ‘moderado’ se comparado a outras juventudes que ocupavam as ruas parisienses. Afinal, mesmo para a mídia e para o *establishment*, há juventudes e juventudes” (p. 90).

Por todas essas razões, *Juventude e contracultura* é uma ótima leitura introdutória sobre o tema. Ela pode interessar tanto a estudantes de ensino médio quanto a graduandos em História ou cursos de Ciências Humanas. Uma de suas qualidades, por sinal, é justamente essa. O livro funciona como uma plataforma de formação crítica, com a apresentação das principais linhas interpretativas sobre o assunto. Complementarmente, ele conta com indicações de obras literárias, biografias, livros de memória escritos pelas próprias testemunhas, documentários e filmes de ficção ao final de cada capítulo. Essa curadoria, muito bem-feita, estimula a pesquisa e o aprofundamento das temáticas enfocadas.

Enfim, talvez maior mérito de Marcos Napolitano seja avaliar criticamente a narrativa progressista sobre a juventude e a contracultura dos anos 1960, descortinando um panorama múltiplo e abrangente. Nem por isso ele abandona por completo a interpretação hegemônica, tratando-a como pura e simples inverdade como certa historiografia revisionista tem feito em escala internacional desde o início do século XXI.³ Napolitano reconhece tanto os limites de alguns desses movimentos, que em alguns casos foram facilmente dragados pela indústria cultural, quanto a presença expressiva de setores conservadores, responsáveis por barrar várias das mudanças propostas por esses jovens. Porém o autor não nega os avanços dos movimentos protagonizados pelas juventudes desse contexto para a conquista de direitos de minorias soci-

³ Ver JANOVICEK, Nancy. “If you’d told me you wanted to talk about the ‘60s, I wouldn’t have called you back”: reflections on collective memory and the practice of oral history. In: SHEFTEL, Anna e ZEMBRZYCKI, Stacey (eds.). *Oral history off the record: toward an ethnography of practice*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

ais, como mulheres, pessoas negras e pessoas LGBTQIA+. Tal movimento intelectual, como ele ressalta em suas considerações finais, guarda dimensões políticas tão importantes quanto complexas, em uma conjuntura em que a própria concepção de rebeldia juvenil, tão fundamental para o cenário em análise, tem sido apropriada inclusive por movimentos de extrema-direita.

Resenha recebida em 17 de janeiro de 2024. Aprovada 30 de março de 2024.